

ARAZÃO

Órgão do Partido Republicano Português



DIRETOR POLITICO—Joaquim Maria Gregorio
 Secretario da Redação—Dr. Gabriel da Fonseca
 Não serão restituídos os autógrafos embora não publicados
 ASSINATURAS—(Pagamento adiantado) Ano, 1\$; semestre, \$50.
 Para fóra; Ano, 1\$20; semestre, \$60; avulso, \$02.
 PUBLICAÇÕES—Anúncios, \$04 a linha; permanentes, contrato especial. Comunicados, \$06 a linha.

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade do
 CENTRO REPUBLICANO DEMOCRATICO
 ALDEGALEGA

ADMINISTRADOR—Manuel de Medeiros Junior
 Editor—Joaquim Maria Gregorio
 Endereço telegráfico—**Razão**—Aldegalega
 A correspondência deve ser dirigida ao diretor.
 Redação e Administração—R. Tenente Valadim, 4, Aldegalega
 Composição e impressão, rua Almirante Candido dos Reis, 126, 2.º—Aldegalega

Dois partidos

Toda a politica portuguesa, durante a guerra, enquanto não fôr resolvido e liquidado o tremendo conflito em que se envolveu quasi o mundo inteiro, tem necessariamente que girar num só fulcro, sob pena de nos suicidar-nos estúpida e vergonhosamente. Esse fulcro é o da comunhão patriótica exercida com inteligencia e lealdade. Quem fôr verdadeiro português e acima dos seus egoismos, caprichos, vaidades e até ambições, que noutra ocasião seriam legítimas, colocar o amor da Patria e se empenhar para que o país transponha com dignidade e proveito o barranco sobre que os acontecimentos nos collocaram, é obrigado a partilhar da comunhão patriótica de que a grande massa honesta da nação e o governo da Republica têm até hoje dado um frisante exemplo.

Quem proceder de modo contrario, instigando sisánias, espalhando insídias, inoculando dúvidas e descrenças, malsinando, deturpando, envenenando, enlameando na ansia criminosa de tudo baralhar, não é português. Terá nascido em Portugal, terá sido criado em Portugal, terá crescido e grangeado renditos em Portugal, usará um dos nomes que se usam em Portugal, mas não é português. Ha quem faça politica de tudo, é certo. Ha quem explore a politica a proposito de tudo, é certo.

Mas é necessario que se convençam de que nenhum lucro, nem moral nem partidario, poderão tirar de uns tais processos. Os factos o têm demonstrado e sempre aqui o previmos. E para isso não era necessario ser adivinho, bastava considerar nos acontecimentos com serenidade e alguma inteligencia, visto o povo português tambem não ser, como alguns julgavam, e parece que ainda julgam, uma imunda vara de porcos só se sentindo confortáveis no... chiqueiro. E' necessario que todos se convençam,

de vez, de que nestes momentos não ha lugar para retaliações partidarias, e muito menos pessoais, nem para palanques onde se exibam paixões doentias de mando. O governo é de Defeza Nacional. Mais nada. Só dela cuida. E' constituido por homens que, ainda que pertencendo a partidos diferentes, ou não pertencendo mesmo a partido nenhum, estão dispostos, com sinceridade e devoção, a trabalhar na rude e patriótica tarefa que, por delegação da soberania nacional, lhes foi imposta.

Compreendendo a gravidade do momento não se negaram a colaborar juntos na mesma obra, como portugueses e como patriotas. Uniram-se para o desempenho do mesmo mandato, esquecendo antigos dissídios, antigas pugnas, antigas lutas, para só se recordarem, comovida e nobremente, de horas ainda mais antigas de camaradagem leal e animada pelo sagrado fogo do ideal de uma Patria livre, honrada e redimida. Tal exemplo deve impôr respeito a todos quantos amam o seu país e por este estão resolvidos a sacrificar as suas ambições e paixões. Temos dito e repetimos: hoje em Portugal ha só dois partidos, o dos bons portugueses e o dos maus portugueses!

Camara Municipal

COMISSÃO EXECUTIVA

Sessão ordinaria de 19 do corrente.

Presidencia—Joaquim Maria Gregorio. Assistencia—Antonio Cristiano Saloio, José Teodozio da Silva, Joaquim Tavares Castanheira Sobrinho e José da Silva Lino Vareiro.

Expediente

Officio do Juizo de Direito desta comarca sobre as posturas municipais;

Pedido feito pela classe dos barbeiros para o encerramento dos seus estabelecimentos á terça-feira;

Officio da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, agradecendo o subsidio de 20\$00 e

comunicando que enviou o recibo para o correio;

Idem do Nucleo de Instrução Militar Preparatoria desta vila remetendo junta uma relação de mamcebos que faltaram ás sessões;

Idem da professora oficial Sr.^a D. Maria José da Conceição Baptista enviando junta uma requisição;

Idem do Sr. Dr. Alfredo Narciso Marçal Martins Portugal comunicando que vem fazer uma sindicancia ao delegado da comarca e pedindo á Camara que seja posta uma casa á sua disposição;

Idem do Sr. Administrador do Concelho pedindo que seja posto á sua disposição um dos zeladores municipais.

Deliberações

Deferir o pedido feito pela classe dos barbeiros desta vila;

Satisfazer a requisição enviada pela professora Sr.^a D. Maria José da Conceição Baptista;

Por á disposição do Sr. Administrador do Concelho o zelador municipal Francisco Bernardo da Silveira;

Conceder 15 dias de licença ao guarda da retrete João Martins Padre por motivo de doença.

Tomar na devida consideração a restante correspondencia pondo á disposição do juiz sindicante a sala das sessões da Camara.

Actos e Noticias

Sindicancia

Encontra-se nesta vila em serviço de sindicancia aos actos do delegado da comarca, por virtude de queixa apresentada pela Camara Municipal deste Concelho ao Ex.^{mo} Ministro da Justiça e ao Sr. Procurador Geral da Republica, o Sr. Dr. Alfredo Narciso Marçal Martins Portugal, juiz de direito em Serpa, actualmente em comissão no Ministerio da Justiça junto da Comissão Central de Execução da Lei de Separação.

Contribuição de registo

O «Diario do Governo» publicou uma lei que muito deve aproveitar aos individuos que tenham feito compras e que não tenham pago a respectiva contribuição de registo (cisa).

Essa lei permite que os interessados possam agora pagar essa contribuição pelo dôbro da compra, sem haver necessidade das formalidades que até agora tinham de praticar-se.

Menti, menti sempre

Já por duas vezes o sr. Soares, em nome dos evolucionistas de Aldegalega, se queixou ao sr. presidente de ministerio e governador civil, que o actual administrador do concelho sr. Eurico de Campos, tem estado a fazer politica democratica e a vexar e a perseguir os evolucionistas d'esta vila!

Nós, não fazemos comentarios. Faça-os o povo d'esta vila, que de perto vê a attitude do sr. administrador do concelho.

União Sagrada

Nas Caldas da Rainha foi feita a União Sagrada entre evolucionistas e democraticos.

Aqui é o que se está vendo... Baldados tem sido os esforços do sr. administrador do concelho, para realizar desde a primeira hora a União Sagrada neste concelho. Não por culpa dos democraticos, mas por culpa d'aquelles que se dizem evolucionistas, que tudo entregam, enrodilham e desvirtuam.

Bom proveito lhes faça.

Caleirices

Não. Agora não quereles d'imprensa porque existe a lei da censura...

Façam o homem ministro da justiça.

Vida politica

Realizou-se no passado domingo na sala do Centro Republicano Democratico o acto da posse de nova Comissão Municipal do Partido Republicano Português nesta vila. A posse foi conferida pelo cidadão José Agostinho Paulo, membro da Comissão Distrital Republicana e delegado da mesma para esse fim.

Recita

Realizou-se na quinta feira ultima no Teatro Salão Recreio Popular desta vila a recita em beneficio da Banda Democratica.

Feira franca

Resultaram brilhantes os dois dias de kermesse da ultima, tendo rendido no sabado a quantia de noventa e nove escudos e vinte e quatro centavos e meio e no domingo a de cento e cincoenta e um escudo e tanto.

Sindicancia á Moita

O sr. Administrador do Concelho, fez participação para juizo, contra uma difamação que lhe é feita como magistrado pela «Evolução», órgão dos evolucionistas que rasgarão o retrato do sr. dr. Antonio José d'Almeida e por telegrama se declararam dissolvidos por não concordarem com a União Sagrada.

Ora informações que temos, de pessoa que nos merece todo o credito, afirmam que o sr. administrador do concelho, procedeu com toda a imparcialidade.

Logo no inicio da sindicancia, mandou afixar editaes em todo o concelho convidando a depor todos o que o quizeram fazer; não recebeu visitas de amigos ou inimigos dos sindicados; ou-

viu todas as testemunhas que quizeram depor e deu tanta liberdade aos acusadores do administrador da Moita, que até ao medico Proença e notario Rua, permitiu que estes fizessem as suas acusações por escrito, onde disseram tudo quanto quizeram dizer. Deponeram contra o administrador da Moita 9 individuos que tantos eram os acusadores e a favor 104 testemunhas, as mais categorizadas pessoas do concelho da Moita. O relatório do sindicante é o mais perfeito e completo documento de isenção, visto que o illustre magistrado que procedeu á sindicancia, não fez uma unica afirmação que não fosse comprovada por um documento official.

Não agradou o resultado da sindicancia? Não. E porquê?

Porque o sindicante não satisfaz o pedido que lhe foi feito pelo sr. Rua, para que não inquerisse os signatarios da representação dirigida ao sr. presidente de ministerio e se limitasse a perguntar-lhes se conformavam a representação que assinaram.

Poderá haver maior tartufice?

Já antes o mesmo magistrado havia feito uma sindicancia em Sines, da qual resultou a demissão imediata do secretario da administração do concelho, e do administrador. Estes eram democraticos e o nosso partido não protestou, antes se conformou visto ser sobejamente conhecida a lealdade e a isenção do sindicante.

Mas é que aos evolucionistas separados ou semi-separados não lhes approva a justiça quando lhes bate á porta.

Se todos os sindicantes procedessem desta forma haveria menos infamias e menos canalhas.

Editorial

Pertence ao nosso presado confrade «O Mundo» o editorial d'hoje. Pedimos licença para a sua transcrição.

Nada de misturas

Na quinta feira passada, realizou-se um espectáculo em favor da banda democratica e alguns conspicuos «cavalleiros», pseudo-evolucionistas declararam que lá não iriam porque «não queriam misturas».

Se assim pensarem os democraticos, as corridas de touros em favor da filharmonica, estariam ás moscas porque meio centro de tão conspicuos «cidadões» não encheriam a praça. Mas ainda bem, não foram e não fizeram falta nenhuma, nem dificultaram a cobrança, livrando de canceiras o cobrador...

O sr. Soares

Conhecem o sr. Soares? Antigo mestre de meninos, franquista «enragé» defendendo a monarchia dos adeantamentos até á última. Companheiro e amigo do celebre padre Matos, do «Portugal», valeu-lhe em 5 de Outubro a protecção do velho e honrado republicano Simões Raposo. Por largo tempo o republicanismo do sr. Soares, esteve incubado, e por ocasião da «ditadura» o sr. Soares era chefe do gabinete do governador civil. Depois, appareceu evolucionista, foi feito deputado por este circulo, e agora alcovitado por «honestissimas» creaturas arvorou-se em perseguidor dos republicanos.

O sr. Soares, venha até cá para ver a força politica dos seus correligionarios e estudar-lhes a chronica...

Falta de espaço

A absoluta falta de espaço obrigamos a deixar de fóra algumas noticias e a nota dos nomes das pessoas que têm oferecido prendas para a kermesse, falta esta que remediaremos no proximo número.

O EXERCITO

Em referencia ao artigo editorial sob esta epigrafe do ultimo numero d'este jornal e transcrito do «Mundo», vamos pres-

tar alguns esclarecimentos a que nos dá jus a nossa carreira de quarenta e quatro anos dos quais trinta e cinco sempre nas fileiras ou em serviços não estranhos á vida militar e os restantes na reserva. Nem tudo que a monarchia produziu para melhorar o exercito portugês foi desaproveitado, manda a verdade que se diga.

Quem se abalançar, sem espirito facioso, a fazer a critica do nosso exercito, reconhecerá que ele tem passado por varias fases, como todas as coisas do mundo. Assim, a contar do dia em que sentámos praça, 14 de Fevereiro de 1874, vamos encontrar o nosso exercito num estado de rotina lamentavel e emperrado em todas as peças do seu complicado maquinismo. E porque eramos *galuchos* não podiamos ainda apreciar bem esse estado.

Porque eramos soldado *fino*, aprendemos o manejo d'arma na arrecadação da 1.^a companhia do regimento d'infantaria 16 e foi nosso instrutor o cabo de porta-machados, Diogo, que de vez em quando nos dava o seu puxão d'orelhas, porque tinhamos uma particular embirração ou dificuldade em pôr a arma em funeral, pois, tinha uns poucos de tempos esse movimento, passando a espingarda do braço direito para o esquerdo, ficando debaixo do braço e com o cano voltado para o chão e portanto a coronha para o ar, eramos apodados de *estupidos* e dizia o nosso instrutor: «quanto mais finos mais estupidos».

Chamava-se a isto aprender a instrução *particularmente*, já se vê com autorisação superior e mediante numa gratificação ao instrutor.

Isto já hoje se não consente, quer dizer, a tal instrução na arrecadação.

As espingardas eram as Snider-Barnet, de carregar pela culatra, carregamento simples e d'um calibre hoje fóra de moda e qualidades balisticas correspondentes.

Quando os outros exercitos já tinham melhorado o seu armamento, ainda nós tinhamos tal espingarda. Os corpos de caçadores tinham a Westley-Richards, de cano otogonal e superiores condições de tiro.

As coisas conservam-se assim até que os ministros da guerra, srs. Pimentel Pinto e Visconde de S. Januario vieram dar um novo impulso ao nosso exercito, adquirindo a espingarda Kropatchek de 8 milímetros e reputada uma das melhores d'aquelle tempo. Era de repetição com o deposito na coronha para 8 cartuchos. A instrução tambem começou a ser alguma cousa fóra dos quarteis e iniciou-se a epoca das grandes manobras e estabeleceram-se carreiras de tiro, pois até ali o soldado pas-

sava á reserva sem ter dado um tiro de bala!

Lá estava a Inglaterra para quando fôsse preciso!

Depois o sucessor do sr. Pimentel Pinto, o sr. Nuno Porto adquiriu a actual espingarda Mauser que é tida como perfeita. No nosso tempo o exercito era destinado a manter a ordem e a acompanhar procissões!

Emquanto ao acampamento de Tancos foi organizado pelo grande estadista Fontes.

J. MADUREIRA AVES, CH

Uma merenda n'Arrabida Aspectos e impressões

São 4 da madrugada; tendo-nos deitado momentos antes, ao terminar o arraial e kermesse de Domingo. É o «Camara» que nos vem bater ao ferrolho.

A merenda deve deitar lá para o meio dia; temos por consequencia tempo de sobra para vencer os 45 kilometros de estrada que separam Aldegalega da Serra. Levantamo-nos e vamos em demanda dos carros que nos hão de conduzir. Já o nosso incansavel dr. Navarro punha em ordem de marcha, com aquella impecavel pericia que todos lhe reconhecemos, na inclinação predileta de Julio Nepomuceno, a sua parelha de «poney» que, atrelados com um terceiro de Antonio Luiz, escorvam o solo na impaciencia de partir. Já o da cela, travesso e inquieto, se enca-brita vaidoso por ver o da mão a querer arremeter a dente com os colegas. O honroso lugar de «groom» é garbosamente occupado pelo Pilar á esquerda do insubstituivel boleiro, respeitavel chefe da digressão. E ninguem nos venha afirmar que o guia, apesar dos seus dois dedos muito irtos, não é uma segura mão de redea! E' de casa deste que no seu carro partimos, a fazer uma curta paragem junto da estância de madeiras, onde o Dimas se esfalfa do seu quintal a gritar para o José Antonio que aparelhe e se não demore porquanto já estamos impacientes. Entretanto chega na sua «charrette» de capota, todo repimpado, quasi deitado de costas o Diogo, rapaz que por não pertencer ainda ao «grupo da Amadôra», persiste naquele ar tristonho e simples que muito o caracteriza. Zé Reis que toma lugar ao seu lado, fica tambem deitado de costas, de que concluímos que o carro é comodo em demasia. Com seu mano Chico, surge do lado do E-midio o Zé Antonio empunhando as redeas do seu «puro sangue» que tira uma «charrette» de varal partido. Apresenta-se com todo o modernismo de «touriste deshável» de guarda pó da feira da ladra e chapéu de palha de 3 ao vintem. Grande festa, nenhuns foguetes e tudo parte ao romper das 5 da madrugada. E' cedo. A manhã fresca. Ainda se não lobriga o sol na sua faina madrugadora de verão. A' saída da vila e até Pinhal Novo o travão do nosso carro fere em contacto, com as rodas, oentelhas que neste local nos obrigam a parar e meter o travão á forja. E' o Camara por entendido nestes trabalhos que diz ao mestre ferreiro o que deve fazer. Olhe abra mais esta vira; Esse orlado não está bom; isso assim de forma a que o tacão não encoste, vamos, aqueça o ferro; mais uma bornidela e novamente a caminho, largamos em direcção a Palmela, terra alta por excelencia. Os nossos cavalos vencem, em rasoavel trote os 10 kilometros que nos separam do Castelo, entre terras cobertas de vicejantes vinhedos, pomares e jardins. O creado do dr. deixa cair a bota esquerda, almiscarada por sinal, sem que por tal desse; avisado, salta do carro e a pé cochinho vae em busca dela, voltando sem maior emborco. A gargalhada é esfusante. O Bandeira a soluços des-

faz-se em pranto! De lado o impagavel Dimas previne que não é motivo para cuidados porquanto é essa uma das suas particulares manifestações da sua jovial alegria. Agora atravessamos a orla que serpenteia a serra de Palmela e nesse percurso nos estonteam extensos e ridentes pomares exuberantes de vida e frutos, como que presumin-do-nos transportados a um celestial paiz de deliciosos frutos, limitado pelo Tejo e Sado, que as serras de Palmela e Arrabida dessedentam de cristalinas aguas.

Chegados ao soalco do Castelo, espraíamos a vista pelo horisonte e o olhar se suspende em extasis diante de tão surprehendente maravilha!

Uma rapida visita ao Castelo em ruinas, onde ainda se observam algumas paredes forradas a azulejos policrómicos, e da esplanada se alcança ao largo uma empolgante scenografia, e mais alem o Sado e Setubal, terra natural do poeta popular Elmano Sardino. Depois de um leve aperitivo e novamente a caminho tomamos a estrada de Azeitão. A breve trecho, por entre frondosas arvores que orlam a estrada, passamos juntos do historico «solar ou quinta da bacalhõa» que num dos mais belos arredores de Lisboa se conserva fechado como em cofre de segredo, sem que esta e outras preciosidades dispertem no forasteiro o desejo de as apreciarem. Depressa alcançamos Vila Fresca e Vila Nogueira e mais adiante deixando a estrada de Cezimbra tomamos para a da esquerda que nos conduz ao Calhariz onde em logar d'honra enfileiro a nosso lado o ex.^{mo} sr. C. Loureiro, alma que deu vida a esta excursão. Foi precedido de seus creados que conduziam o peixe que nos havia de deliciar com uma opipara caldeirada á fragateira no velho convento d'Arrabida.

São 11 do dia. E com pequena demora no calhariz, voltamos á direita para tomar a estrada que nos hade conduzir á serra e convento. A primeira «étape» é assignalada por um accidente sem consequencia de maior. O auto de Loureiro, estaca; não anda mais, nega-se a subir á serra! Coisa de nada. Uma congestão no pulmão esquerdo, que o «chauffeur» em breve repara com um pouco de «cautchuc» e cola na parte do pneumatico congestionada. Abandonando o outro aos cuidados do «chauffeur» subimos a encosta da serra. E' então que por espaço de uma hora a nossa vista se estasia n'uma incomparavel e feerica scenografia, que põe exclamações de assombro na boca dos «touristes»! Sugestionante e bela a vista do Oceano que se disfruta á altitude de 200 a 400 metros na vertente quasi perpendicular, em consecutivos zig-zagues, nas reintrancias e saliencias da serra! Belo quadro este em que um pintor de raça como Murillo ou um Miguei Angelo e mesmo um poeta como Camões ou Molière beberiam inspiração, para a confecção de seus quadros ou poemas, divertindo-se, uns a pincel, outros á penna a dispôr scenarios flamejantes de sol e de luz.

Este velho Portugal, muito querido e muito nosso, conserva inapreciaveis panoramas, que enriquecem a monotonia da vida actual com mil cambiantes diversos. Se bem que, e triste é dizello, desconhecidos pela maioria do Paiz e o que é peor, votados ao abandono!

Entre franjas de espuma, como de tendas de um longo braço temos a nossos pés o oceano, em cujar margens se desenrola em rapidos, successivos quadros de animatragofo, centos de barquinhos de pesca, com suas azas alvejantes de gaiotas pairando dolentamente sobre um interminavel lençol de reverberações cristalinas. Erguendo a vista ao cumo da serra baixando-a ás suas vertentes, mas suas ravinas ou reintrancias, a matta é espessa, frondosa e virgem e a meio vertente, depois de percorridos uns 8 kilometros deparamos de surpresa com o seu ve-

lho convento, sem arte, nem estetica, na sua fria singeleza com um quê de pardieiro... A pouca distancia da sua porta principal se nos depara um busto tóscico de santo mal alinhavado, de joelhos e mãos erguidas. Outro marmanhão em tamanho natural, em relevo, encravado na parede da fachada principal do edificio, junto da entrada, com habito de frade, os labios atravessados, por um cadeado, os olhos vendados e sobre o lado esquerdo do peito uma fechadura, o que tudo presumimos significar, que o que se passava a dentro do Convento, não se podia divulgar, nem ver, nem sentir; não nos repugnando acreditar que tais figuras eternisem S. Pedro d'Alcantara e fr. Agostinho da Cruz que ali viveram, obedecidos e homenageados pelas feras das selvas que então o circundavam. Demasiado depressa termina esta visita, porquanto sem nada mais que nos despertasse curiosidade, o que mais interessava era a caldeirada á fragateira que só pelas 2 da tarde veio para a margem onde abancamos sob um belo macisso de verdura, tendo do lado uma bem cuidada bica de onde a agua fria de gelo brota como que a medo, desconfiada dos circunstantes a que parecia não estar habituada. Almoçamos então um almoço ajantarado de variadissimo «menú» em que Salgado teve a primasia na «verve», entrando bem á cabeça de todos os belos petiscos, sem receio de ser colhido. As honras gastronomicas couberam a José Antonio, Navarro e Diogo, que sempre diligentes na lide, acudiam a tempo aos precalços de Salgado, C. Loureiro, Dimas, Silva, Chico Rodrigues e Zé Reis, muito bem; Antonio da Botica, Amadeu e Abilio, mal, com caimbras, resultantes da grande demora na confecção do almoço. Para a ambulancia só Antonio da Botica tratado a pachos de antipirina!

Termina a merenda, na mais comunicativa alegria por entre esfuziantes gargalhadas que José Antonio e Salgado provocam, com um aromatico café que gentilmente nos é oferecido pela ex.^{ma} familia Oneill que ali se encontra veraneando.

São 16 horas. E' tempo de regressarmos, o que se faz na mais captivante ordem, não sem que Bandeira torne a pé a dianteira por temer que Navarro nos despenhe em qualquer altura do longo precipicio que se nos depara em todo o contorno da serra. De regresso admiramos mais uma vez o surpreendente panorama alvinhente que a centenares de metros nos fica sobranceiro.

Coelhos cruzam de momento a momento na frente dos cavalos, senão a avisar-nos de que para lhes dar caça, ali devemos voltar, pelo menos a indagar com persistente curiosidade da qualidade dos «touristes» e das presumiveis consequencias da merenda!

Chegados ao Calhariz, demos descanso ao gado e entretanto vamos admirar o velho solar dos Duques de Palmela, hoje residencia fugitiva dos Marquezes do Faial. Solar ensombrado de palmeiras e ciprestes, de aspecto frio e triste, archivando segundo nos informaram, belas preciosidades, onde passaríamos confortavelmente uma boa temporada longe do convívio social. A cerca faz do solar um refugio impenetravel envolto em vergeis odoríferos, campos de vinha, jardim e alameda revestida de arvores seculares. De novo retomamos os carros e sem nada mais digno de registo chegamos a Palmela onde o gado se dessedentou e nós ingerimos umas «sandwiches». Aqui, a tão elevada altitude, o ar tepido da meia noite, envolto nesse penetrante perfume de vergel, nos acaricia o rosto e o olfato. Novamente a caminho, chegamos pelas 2 da madrugada de 3.^a feira ao ponto de partida, não sem que alguns dos excursionistas se tenham rendido nos braços herculeos de Morfeu, imitando com muita graça e bem senhores do seu papel, os robertos de pau ás cabeçadas uns aos outros. As-

sim terminou esta festa de indelevel recordação.

Aldegalga 18 de Julho de 1916.

S.

ANUNCIOS

ANUNCIO COMARCA DE ALDEGALGA DO RIBATEJO

No dia 23 do corrente pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial d'esta Comarca, vae pela terceira vez á praça para ser arrematado por quem mais der, na execução por custas que o Ministerio Publico promove contra Antonio de Sé Monteiro e mulher, moradores em Alhos Vedros, d'esta Comarca, o seguinte: mezas, cadeiras, bancas, um candieiro, uma celha, caixas, um bahu, um catre de ferro e uma porção de madeira para queimar. E por este anuncio e editaes, são citados quaesquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos.

Aldeia Galega do Ribatejo aos 16 de Julho de 1916.

Escrivão do 2.^o officio

Antonio Lourenço Gonçalves.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Rocha Aguiam.

ANUNCIO Comarca de Aldeia Galega do Ribatejo (2.^a publicação)

Faz-se saber que no dia seis de Agosto proximo, por doze horas á porta do Tribunal Judicial desta comarca de Aldeia Galega do Ribatejo, se ha de proceder á arrematação em hasta publica do predio abaixo descripto, separado pelo respectivo conselho de familia e interessados para pagamento do passivo descripto e aprovado no inventario orfanologico a que neste Juizo se procede por óbito de Carlos José Loiro, casado, morador que foi nesta vila, e em que é inventariante Sofia Maria da Conceição Loiro, viuva d'aquelle, residente nesta vila:

Predio a vender

Uma morada de casas baixas, com quintal pegado, situadas nesta vila de Aldeia Galega do Ribatejo, foreiras em dois escudos e seis centavos anuaes, sem laudemio, a Francisco José Nepomuceno Serrano, desta vila, que vão á praça no valor de duzentos e seis escudos e oitenta centavos.

206380

A contribuição de registo por titulo oneroso será paga por inteiro pelo arrematante. Pelo presente anuncio são citados quaesquer credores incertos a fim de deduzirem os seus direitos.

Aldeia Galega do Ribatejo 12 de julho de 1916.

Verifiquei a ezatidão.

O Juiz de Direito,

Rocha Aguiam.

O Escrivão de Direito

Alvaro Godinho dos Reis Cardoso.

ANUNCIO Comarca de Aldegalga do Ribatejo (2.^a publicação)

No dia 23 do mez de Julho corrente, pelas doze horas, á porta da Repartição de Finanças d'este concelho e nos autos de execução fiscal por divida de contribuição de registo por titulo gratuito de 1914-1915 e de juros de 1915 que a Fazenda Nacional move contra a executada Maria Deifina da Fonseca Quaresma, d'esta vila, vae á praça para ser arrematado pelo maior lanço que for oferecido o seguinte:

O rendimento da quarta parte d'uma casa que se compõe de armazem e primeiro andar, quintal e poço e parte de casas em ruinas onde houve um incendio, situada na rua Almirante Reis, com saída para a Rua Afonso Pala, d'esta vila. Confronta pelo norte e nascente com José Maria Mendes, pelo sul com a Rua Almirante Reis e pelo poente com Manoel Ferreira Giraldes.

Aldegalga, 13 de Julho de 1916.

O escrivão das execuções fiscaes

José Manuel Gago.

Verifiquei:

O juiz das execuções fiscaes

C. Vellozo.

ANUNCIO

COMARCA DE ALDEGALGA DO RIBATEJO (2.^a publicação)

Faz-se saber que no dia seis de Agosto proximo, pelas doze horas á porta do Tribunal Judicial desta Comarca de Aldeia Galega do Ribatejo, se há de proceder á arrematação em hasta publica dos predios abaixo descriptos, penhorados na execução fiscal em que é exequente a Fazenda Nacional, e executado Alberto de Figueiredo, morador em Canha desta comarca, para pagamento da quantia de setenta escudos e sessenta centavos e quatro millesimas, importancia de contribuições á Fazenda Nacional e demais despesas liquidadas a final:

Predios a vender

Uma morada de casas terras com duas divizões, sita na rua do Hospital da vila e freguezia de Canha, desta comarca, que vai á praça no valor de noventa escudos.

90\$00

Outra morada de casas terras com duas divizões e quintal sita na dita rua do Hospital da vila e freguezia de Canha desta comarca; que vai á praça no valor de noventa escudos.

90\$00

E outra morada de casas terras tambem com duas divisões e quintal, sita na rua do Hospital da vila e freguezia de Canha; que vai á praça no valor de noventa escudos.

90\$00

Pelo presente anuncio sao citados quaesquer credores incertos a fim de deduzirem os seus direitos.

Aldeia Galega do Ribatejo, 12 de Julho de 1916.

Verifiquei a ezatidão:

O Juiz de Direito,

Rocha Aguiam.

O Escrivão

Alvaro Godinho dos Reis Cardoso.

A COLONIAL

Companhia de Seguros

Capital 1.500.000\$00 esc.

Sede—Largo Barão de Quintela, 5—Lisboa.

A companhia de Seguros «A COLONIAL» adquiriu a carteira de Seguros da Companhia de Seguros «A UNIVERSAL» para o que elevou o seu capital social a Esc. 1.500.000\$00 sendo por isso prevenidos os ex.^{mos} srs. segurados d'esta, que a partir de 1.^o do corrente ficaram integrados na «COLONIAL» os contractos de seguros em vigor referentes á «UNIVERSAL» exceptuando as liquidações provenientes de sinistros avisados até 30 de Junho p. p.

Assim, d'ora avante, todos os assuntos que digam respeito a esses ou outros contratos devem ser tratados directamente com a «COLONIAL».

Lisbõa, 3 de Julho de 1916.

Pela C.^a de Seguros «UNIVERSAL»—Os directores: a) Artur de Sousa Lima; a) Joaquim H. Pombeiro.

Pela C.^a de Seguros «A COLONIAL»—Os administradores: a) A. Sousa Lara; a) José H. Osorio.

COMERCIO POPULAR

DE
EMIDIO PIRES & C.^a

Completo sortido de fazendas de todas as qualidades. Mercaria e Padaria. Variadissimo sortido de móveis de madeira e de ferro. Colchoaria e máquinas de costura.

Preços baratissimos e sem competencia. Vendas a pronto e a prestaçõe.s.

15 a 19—Praça 5 de Outubro—15 a 19

ALDEGALECA

LOJA DOS POSTAIS ILUSTRADOS

DE
João Silvestre Martins

Grande sortido em novidades de postaes ilustrados e roupas feitas para Senhora e para homem. Vidros para caixilhos, quadros, molduras espehlos. Artigos de retrozeiro, fanqueiro, tabacos, romances, calendarios, blocos e almanachs.

Perfmurias e artigos para brindes o que ha de mais bonito e mais fino.

143, RUA ALMIRANTE REIS, 145
RUA MACHADO SANTOS—1

ALDEGALEGA

Antonio de Sousa Gouveia

com

Loja de latoeiro de folha branca, louça de barro e de esmalte e drogas.

79, 81 e 83 — R. Almirante Candido dos Reis — 79, 81 e 83.

ALDEGALEGA

HOTEL REPUBLICA

PROPRIETARIO

INACIO LAGE RODRIGUES

Este hotel recomenda-se pela sua situação, perto do caminho de ferro e da ponte dos vapores e pelo asseio e comodidades que proporciona aos seus Ex^{mos} clientes.

Recebe comensais e fornece comida aos domicilios por preços modicos. Aguas mineraes e minero-medicinaes e vinhos de todas as qualidades.

23, 27—R. MARTIR MONTJUICH—23, 27

ALDEGALEGA

ANTIGA MERCIARIA

DE

JOSE ANTONIO PIALGATA

Sucessor,

Manuel Tavares Paulada

Géneros alimenticios de primeira qualidade.

2—Rua Magalhães Lima—4

ALDEGALEGA

OFICINA DE LATOEIRO

DE

Severo das Neves Gouveia

Ezecuta todos os trabalhos com perfeição e rapidez. — rua Almirante Candido dos Reis, 73 e 75.—*Aldegalega.*

Pão fino, de luxo e familia. Géneros de mercaria, cereaes e legumes. Completo sortimento em pastelaria, chocolates, bombons. Vinhos finos, Madeira, Porto, Champagne, etc.

RUA MARTIR DE MONTJUICH

PADARIA TABOENSE
DE
CASTANHEIRA & FONSECA

LOJA DO FREDERICO

Frederico G. Ribeiro da Costa

CASA FUNDADA EM 1880

com

MERCEARIA, Pape-laria, Livros de recreio e para escolas, tabacos, grande sortimento de bilhetes postais ilustrados. Sempre novidades.—131 rua Almirante Candido dos Reis.—**ALDEGALEGA.**

VENDA DE VINHOS

DE

Domingos da Silva Russo

O proprietario comunica aos seus freguezes que mudou os o seu estabelecimento para a Rua Almirante Candido dos Reis n.º 101.

ALDEGALEGA

JOSÉ TEODOZIO DA SILVA

Com fábrica de gazozas e pilolitos, soda-water, licores, crèmes etc, pelos sistemas mais modernos e aperfeiçoados. Satisfaz-se qualquer pedido, enviando-se a remessa a casa do freguez, mesmo fora da sede do concelho.

RUA FORMOSA!
ALDEGALEGA

CASA COMERCIAL

de

JOÃO SOARES

O proprietario d'este estabelecimento participa a todos os seus Ex.^{mos} freguezes que continúa a vender todos os artigos da sua especialidade mais barato 20 % que qualquer outra casa.

PRAÇA DA REPUBLICA

R. ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS
ALDEGALEGA

CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

DE

ANTONIO DUARTE MANEIRA

Diplomado em farmacia, Medicina e Cirurgia Dentaria pela Escola Medica de Lisboa.

RUA DE ALCANTARA. 53, 1.º

ESPECIALIDADE

Extração de dentes sem dor. Tratamento de todas as doenças infeciosas da bôca

Obturações (chumbagens) a ouro, esmalte, porcelana, platina e cimento desde 1\$00.
Dentes a pivot, desde 3\$50.
Dentes artificiaes, desde 1\$00.
Dentaduras completas, desde 30\$00.
Dentaduras completas — placa d'ouro, 100\$00.
Modificam-se dentaduras feitas em qualquer consultorio, nacional ou estrangeiro, garantindo mastigação perfeita.

Das 7 ás 9 horas da manhã—cada extração \$25.

D'ahi em diante—cada extração \$50

Sucursal em Aldegalega. —R. Almirante Candido Reis

PADARIA VIANENSE

DE

ANTONIO MORAIS DA COSTA JACOME

Pão de luxo e de familia de fabrico esmerado. Generos de mercaria, bombons, chocolates, etc.

118—R. ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS—120
ALDEGALEGA

DROGARIA CENTRAL

DE

AUGUSTO RAMOS CARDEIRA

Grande sortido de drogas de todas as proveniencias e qualidades, taes como Alvaiade, Tintas, Aguas mineraes e medicinaes, Produtos quimicos e farmaceuticos, Artigos de perfumaria nacionais e estrangeiros, Cimentos das melhores marcas, Rafia, Sulfatos, Enxofre, tudo, emfim, que respeita a uma e bem fornecida drogaria.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Encontra-se habilitada a fornecer-se das melhores casas do paiz

PRAÇA DA REPUBLICA

ALDEGALEGA